Português

Literatura – Portuguesa – Pós-Modernismo – [Difícil]

01 - (PUC MG)

Sobre o romance O vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa, é INCORRETO afirmar que:

a) intercala cenas de sonho e realidade.

b) faz referência a elementos culturais do Brasil.

c) assume, em determinado ponto, a configuração de outro gênero textual.

d) apresenta os fatos sob uma mesma e única perspectiva.

02 - (PUC MG)

Em O vendedor de passados, entremeada à narração dos fatos, faz-se também uma reflexão sobre a literatura e a linguagem.

Todas as passagens são exemplos dessa reflexão, EXCETO:

a) "– Ainda tremo de cada vez que ouço alguém dizer edredom, um galicismo hediondo, em vez de frouxel, que a mim me parece, e estou certo que você concordará, palavra muito bela e muito nobre. Mas já me conformei com sutiã. Estrofião tem uma outra dignidade histórica."

b) "Um nome pode parecer uma condenação. Alguns arrastam o nomeado, como as águas lamacentas de um rio após as grandes chuvadas, e, por mais que este resista, impõem-lhe um destino. Outros, pelo contrário, escondem, iludem. A maioria, evidentemente, não tem poder algum."

c) "Existem pessoas que revelam, desde muito cedo, um enorme talento para a desventura. A infelicidade atinge-os como uma pedrada, dia sim, dia não, e eles recebem-na com um suspiro conformado. Outras há, pelo contrário, com uma estranha propensão para a felicidade."

d) "A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo o que realmente existe."

03 - (PUC MG)

Sobre os personagens de O vendedor de passados, é CORRETO afirmar:

a) José Buchman é a identidade criada por Félix Boaventura para o estrangeiro que a ele recorre na tentativa de obter um outro passado e que vai, ao longo da trama, encarná-la cada vez com maior realismo.

b) Félix Boaventura figura, na trama ficcional do romance, como filho do célebre escritor português Eça de Queirós, autor de A relíquia, e é isso que justifica seu talento nato para a criação de genealogias falsas.

c) A personagem de Eulálio contrói-se como um duplo especular de Félix Boaventura, porém com traços invertidos, atuando como seu antagonista na trama.

d) Ângela Lúcia, além de ser a amante de Eulálio, é quem comete o assassinato de José Buchman, após descobrir que ele era seu verdadeiro pai.

04 - (PUC MG)

"... o que me interessa é um pouco exercitar o absurdo", afirma José Eduardo Agualusa sobre sua produção literária.

Em O vendedor de passados, esse "exercício do absurdo" só NÃO propicia:

a) uma denúncia quanto à história e ao cenário político de Angola.

b) uma crítica às concepções religiosas que negam a possibilidade de reencarnação.

c) uma discussão acerca dos limites entre o real e o imaginário.

d) uma problematização da narrativa histórica enquanto detentora da verdade dos fatos.

05 - (UEL PR)

Acerca das técnicas literárias empregadas por José Saramago na composição de Levantado do chão, considere as afirmativas a seguir:

I. A intertextualidade é um recurso recorrente por meio do qual o narrador lança mão, dentre outros expedientes, de expressões extraídas da Bíblia e da tradição judaico-cristã.

II. A metalinguagem permite ao narrador discutir o fazer literário e as diversas possibilidades de narrar os episódios.

III. A presença da oralidade permite ao narrador imprimir um elevado grau de erudição à narrativa dos episódios.

IV. A ironia é utilizada, geralmente, com o propósito de estabelecer uma linguagem referencial que garanta objetividade ao texto.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

06 - (UEL PR)

Acerca de Levantado do chão, de José Saramago, é correto afirmar:

a) Ao longo de quase todo o enredo, a obra se ocupa em narrar as aventuras dos membros da família Mau-Tempo, latifundiários da região do Alentejo, em Portugal, dedicados à exploração do trabalho nas plantações de cortiça.

b) O narrador emprega diversas técnicas literárias, tais como o uso constante de discurso direto, a pontuação regida pela norma culta da Língua Portuguesa, a linearidade narrativa e a ironia.

c) O narrador apropria-se de episódios da história de Portugal, tais como a chegada da República, a ascensão da ditadura de Antonio de Oliveira Salazar e a Revolução dos Cravos, a fim de demonstrar o empenho dos políticos portugueses nas questões sociais.

d) Os nomes dos latifundiários do Alentejo são apenas variações de “Berto”, tais como Lamberto, Alberto, Norberto, Filisberto, Gilberto, demonstrando que a passagem do tempo não altera a ação opressora dos grandes proprietários de terra contra os camponeses.

e) Os sermões do padre Agamedes instigam o povo a refletir a respeito da própria condição social, por isso a religião torna-se fundamental para a modificação da estrutura socioeconômica.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 7

[1]Alguns estudiosos afirmam que a língua portuguesa é machista e apresentam pelo menos duas razões para isso: se numa sala há uma multidão de mulheres e apenas um homem, a concordância se fará no masculino plural; se uma pessoa quer agredir um homem, é a mãe dele que ela xinga; além disso, há nomes que são elogios para o homem e agressões à mulher: a um homem se pode chamar touro ou garanhão, mas chamar a mulher de vaca ou de [5]égua é ofendê-la.

À primeira vista esses argumentos parecem ter fundamento. Engano.

A língua se caracteriza pelos instrumentos gramaticais, como flexões nominais e verbais, artigos, preposições e conjunções, por exemplo. O vocabulário, isto é, as palavras reais, não caracterizam a língua. É por isso que o inglês é considerado língua germânica e não latina, apesar de ter uma quantidade significativa de palavras latinas no [10]seu léxico. Da mesma forma, o romeno é considerado língua latina, apesar da grande quantidade de palavras eslavas em seu dicionário.

É basicamente o vocabulário o que distingue o português do Brasil do português de Portugal, ou o português brasileiro do morro do português brasileiro do asfalto. Ninguém deixaria de reconhecer como legitimamente portuguesa uma frase como "*O Office-boy,* com uma *pizza* de *mozarela, flertou* com as *garçonetes* no *hall do drive-in*", em que [15]não existe uma única palavra portuguesa (Office-boy, hall e drive-in são palavras inglesas, como a raiz de flertou; pizza e mozarela são nomes italianos; garçonete é nome francês). O que caracteriza a frase como portuguesa são os instrumentos gramaticais: os artigos, as preposições, a flexão verbal, o número, o gênero.

Um falante pode inventar um substantivo novo ou um verbo novo, mas não poderá inventar um gênero diferente nem uma conjunção diferente, porque é a gramática que faz a língua e não o dicionário. Para inventar palavras, não [20]é necessário utilizar os recursos de formação vocabular que a língua põe à disposição dos falantes, como sufixos e prefixos. Basta respeitar os padrões fonológicos da língua.

Ao inventar o **imexível**, o então ministro do Trabalho do governo Collor, Rogério Magri, usou recursos existentes na língua, e o resultado foi perfeitamente compreensível, aceitável e de acordo com outras formações lexicais já existentes, como ilegível, por exemplo. Mas, ao inventar **hiputrélico**, em *Tutaméia*, Guimarães Rosa só [25]respeitou os padrões silábicos e fonológicos da

língua, o que deu uma configuração portuguesa à palavra, mas nenhum sentido, uma vez que nenhum falante poderá saber o que essa palavra significa, a menos que o próprio autor o diga.

Quando usa um termo agressivo para a mulher, mas elogiativo para o homem, o falante é que está sendo machista, e não a língua, porque a escolha das palavras é exclusivamente responsabilidade sua. Mas, quando usa o feminino, o plural, ou conjuga um verbo, a responsabilidade é da língua, porque é a língua e não o falante que determina o gênero ou a flexão verbal. Assim, Deus é masculino não porque a língua é machista, mas porque Deus não tem o gênero feminino.

O feminino é que tem a marca de gênero, em português. O masculino é, na verdade, a ausência de gênero. Por isso, pronomes como quem, aquilo, isto, nada, tudo, alguém, ninguém etc. exigem concordância no masculino, que não é gênero. Aliás, o masculino deveria chamar-se neutro ou gênero não-marcado, por oposição ao feminino, que é gênero marcado. Da mesma forma, eu sei que prato é singular, porque não tem o s de plural. Apenas o plural é número marcado em português. O singular, como o masculino, não tem marca.

Assim, se há muitas mulheres e apenas um homem num lugar, a concordância no masculino apenas assinala que não se está especificando gênero nenhum, que não se está privilegiando ninguém.

Com relação a nomes que são elogios ao homem e ofensas à mulher, como pistoleiro/pistoleira, homem-público/ mulher-pública, touro/ vaca, aventureiro/ aventureira, cão (melhor amigo do homem/cadela (prostituta) etc.), não há neles nada que permita concluir que a língua seja machista, porque se trata de vocábulos, de itens lexicais, de palavras de livre escolha do falante, sem imposição da língua.

Se o falante tem o direito de inventar uma palavra, como fez Guimarães rosa com o seu **hiputrélico**, ele não tem o direito de inventar um gênero novo, um plural diferente ou uma flexão verbal própria. Os instrumentos gramaticais são impostos ao falante, mas o vocabulário não. Assim, não é a língua que é machista, mas o falante, quando usa nomes elogiativos para o homem e ofensivos para a mulher.

José Augusto Carvalho. Revista *Língua Portuguesa*, ed. 39, janeiro 2009, p. 39-40.

07 - (UFU MG)

Ensaio sobre a cegueira, de José Miguel Saramago, pode não ser uma obra-prima, acolhida com unanimidade pela crítica, mas tem despertado polêmica e incomodado a muitos por tratar de problemas da sociedade contemporânea. As opiniões da crítica alternam admiração e repúdio. Em meio a essa duplicidade, parece haver consenso quanto a algumas decisões de Saramago ao escrever sua narrativa.

Neste sentido, assinale a alternativa cujo conteúdo **NÃO** corresponde ao consenso da crítica sobre a narrativa de Saramago.

a) Tratamento do elemento fantástico como metáfora política.

b) Cura das epidemias sociais com a redenção dos fracos e oprimidos.

c) Descrença absoluta no aprimoramento da sensibilidade humana.

d) Fim das ilusões perdidas de uma humanidade que caminha célere para o caos.

GABARITO:

1) Gab: D

2) Gab: C

3) Gab: A

4) Gab: B

5) Gab: A

6) Gab: D

7) Gab: B